

a “mulher cordial”: feminismo e subjetividade

margareth rago*

Nós podemos ir a qualquer lugar, menos para casa
Gloria Wekker

Décadas depois da incorporação dos estudos feministas e das discussões sobre a categoria do gênero nos debates acadêmicos e nas disputas políticas, é possível referir-se ao momento atual das lutas e reivindicações feministas como “pós-feminismo”, entendendo o conceito não como um marco temporal que indicaria um tempo depois, implicando um momento pré e um pós, mas a partir da instauração de novas configurações nas problematizações e relações que se travam no interior deste movimento.

Nessa proposta de falar em “pós-feminismo”, não presuponho evidentemente o fim do feminismo, acreditando que estaríamos vivendo num período posterior das lutas sociais e políticas das mulheres, segundo um recorte temporal que operaria com a linha da continuidade.

* Professora no Departamento de História da Unicamp.

de histórica, como se as conquistas feministas já tivessem sido todas elas alcançadas e consagradas. Muito pelo contrário, recorro, nessa direção, a Rose Braidotti, para quem “as feministas estão em uma ótima posição para saber que a desconstrução do sexismo e do racismo não acarreta automaticamente sua ruína...”¹

Entendo, assim, inspirando-me também em Michel Foucault, que é possível perceber no contexto atual das batalhas feministas, uma nova relação que o feminismo estabelece consigo e nas imagens de si que projeta para o mundo². Na atitude de meta-crítica, esta relação se caracterizaria por um dobrar-se sobre si mesmo, isto é, pela reflexão crítica sobre o próprio feminismo e por sua historicização, num movimento de avaliação e balanço de suas conquistas, avanços, limites e impasses, seja no campo das práticas, seja no do pensamento.

Portanto, essa relação diferenciada também pode ser vista como efeito das próprias árduas lutas travadas pelas mulheres, ao longo dos últimos trinta ou quarenta anos. Resulta de muitas conquistas, a partir das quais um determinado patamar foi atingido, o qual poderia ser caracterizado por alguns aspectos, dos quais destaco quatro: a transformação nacional e internacional da própria imagem do feminismo, hoje reconhecido como um dos maiores e mais bem sucedidos movimentos do século XX, a exemplo das referências feitas a esse propósito pelo historiador inglês Eric Hobsbawm, em seu famoso livro *A Era dos Extremos*³; o reconhecimento da importância do feminismo brasileiro, como movimento social relativamente avançado em relação ao dos outros países, não só da América Latina; a desestigmatização da imagem da “feminista”, outrora associada às figuras negativas da feiura e da velhice, ou taxadas de “sapatão” e “mal-amadas”, desde seus inícios no século XIX; a maneira pela qual o feminismo se reconfigura e

generaliza amplamente, atingindo setores muito jovens da população, como moças de 15 e 16 anos.

Em relação a esse aspecto, vale notar que, hoje, não apenas as mais jovens entram de outro modo no mercado de trabalho e no mundo público e social, isto é, com muito mais autonomia do que as mulheres experimentaram nessa idade em décadas anteriores, como também se encontram em condições de estabelecer relações de gênero bastante relaxadas e bem menos hierarquizadas, se compararmos novamente com aquelas vivenciadas pelas que tinham vinte anos, na década de 1960. A juventude pós-feminista, em boa parte educada por pais anti-autoritários, sobretudo nas camadas médias e mais intelectualizadas da população, mantém relações mais libertárias com o corpo, o sexo, o outro, a natureza e a vida. De certo modo, o discurso feminista, tanto quanto o ecológico, o étnico, para não falar do anarquista e socialista em geral foi incorporado em muitas dimensões, produzindo importantes efeitos na sensibilidade e no imaginário social, tanto quanto na vida cotidiana.

Portanto, é possível afirmar que há um reconhecimento social, na atualidade, de que as lutas feministas afetaram positivamente a maneira pela qual se deu a incorporação das mulheres no mundo do trabalho, num momento de ampla modernização sócio-econômica no Brasil, desde os anos setenta, e que contribuiu para que houvesse uma grande mudança nos códigos morais e jurídicos, nos valores, nos comportamentos, nas relações estabelecidas consigo e com os outros, nos sistemas de representações e no modo de pensar. Especialmente a partir da constituição de um novo olhar sobre si e sobre o outro — e, nesse sentido, penso num processo de feminização cultural em curso, o mundo tem-se tornado mais feminino e feminista, libertário e soli-

dário ou, em outras palavras, filógino⁴, isto é, amigo das mulheres e do feminino, o que resulta decisivamente do aporte social e cultural das mulheres no mundo público.

Certamente, não deixo de considerar as constantes denúncias de violência sexual e moral praticadas contra jovens, as inúmeras formas de desqualificação e de humilhação a que são submetidas as mulheres cotidianamente, permanências que revelam que as conquistas estão longe de terem sido esgotadas. Embora seja visível que um determinado patamar de aquisições foi estabelecido, as negociações de gênero ainda estão muito longe de se encerrarem.

No entanto, quero aqui privilegiar um outro aspecto que me parece menos discutido e que adquire sentido quando se aceita que, com todas as suas dificuldades e limitações, o feminismo criou um modo específico de existência, — muito mais integrado e humanizado, já que desfaz oposições binárias como a que hierarquiza razão e emoção —, inventou éticamente e tem operado no sentido de renovar e reatualizar o imaginário político e cultural de nossa época. Gostaria de examinar, mesmo que brevemente, a questão da crítica do sujeito e a da produção de subjetividade, na contemporaneidade, perguntando pelos modos de constituição de si propostos pelo feminismo.

Novas imagens do feminismo

Dentre as suas inúmeras críticas, o feminismo investiu incisivamente contra o sujeito, não apenas tendo como alvo a figura do homem universal, mas visando a própria identidade da mulher. Desnaturalizando-a, mostrou o quanto a construção de um modelo feminino universalizante foi imposta historicamente pelo discurs-

so médico vitoriano, pelo direito, pela família, pela igreja, enfim, pelo olhar masculino reforçado principalmente nos centros urbanos, pelos estímulos da indústria de consumo. Já são inúmeros os estudos, pesquisas, livros, publicações e revistas que desconstruem as muitas leituras sobre o corpo e a fisiologia da mulher, sobre seus sentimentos, desejos e funcionamentos físicos e psíquicos, subvertendo radicalmente a ordem masculina do mundo, especialmente ao desconectar a associação estabelecida entre origem e finalidade, que justificava a definição de uma suposta essência feminina a partir de sua missão para a maternidade.

Contudo, ao criticar esse ideal de feminilidade, que vigorou até as décadas de 1950/60, que dessexualizava a mulher e que valorizava a associação romântica do feminino com a esfera do mundo privado, o feminismo também abriu mão do corpo, da beleza, da estética e da moda, considerados reificadores, apropriando-se paradoxalmente do modo masculino de existência que questionava e, ao mesmo tempo, desconstruía. A feminista apareceu, então, na figura da “oradora”, da mulher que rompe o espaço público e toma a palavra, denunciando e revolucionando como os homens. De Olympe de Gouges às sufragettes, socialistas e anarquistas, como Emma Goldman e Federica Montseny, chegando ainda à “queima de sutiãs” em praça pública, desde o final dos anos sessenta, elas se opuseram à figura conservadora e santificada da “mãe”, enaltecida pelo discurso rousseauísta, provando que poderiam igualar-se, no espaço público, aos seus opositores, com muita competência⁵.

Refiro-me a um passado relativamente recente, mas agora já passado, em que a dimensão desconstrutivista prevalecia nas percepções do feminismo. Isto porque as próprias mulheres que se identificam como feministas têm criado, desde então, novos padrões de corporeidade,

beleza, cuidados de si, propondo outros modos de constituição da subjetividade, ou o que bem poderíamos chamar de *estéticas feministas da existência*⁶. Embora — e felizmente — já não seja possível definir um sujeito único do feminismo, pode-se afirmar que as feministas, de modo geral, estão preocupadas tanto com o refinamento do espírito, quanto com a beleza coporal, a saúde, a agilidade, a elegância e a moda, na construção de si e de uma nova ordem social e sexual.

Portanto, a feminista deixou de ser a “oradora” pública de outrora, avessa à maternidade, enquanto que ser mãe também deixou de implicar necessariamente a perda do desejo sexual. Mostrando que poderiam existir modos diferentes de organizar o espaço, outras “artes de fazer”⁷ no cotidiano, da produção científica e da formulação das políticas públicas às relações amorosas e sexuais, a crítica feminista evidenciou que múltiplas respostas são sempre possíveis para os problemas que enfrentamos e que outras perguntas deveriam ser colocadas femininamente, isto é, a partir de um pensamento que singulariza, subverte e diz de onde fala.

A crítica feminista foi radical ao buscar a libertação das formas de sujeição impostas às mulheres pelo patriarcalismo e pela cultura de consumo da sociedade de massas e, se num primeiro momento, o corpo foi negado ou negligenciado, como estratégia mesma dessa recusa das normatizações burguesas, desde os anos oitenta, no Brasil principalmente, percebe-se uma mutação nessas atitudes e a busca de novos lugares para o feminino, o que implica a emergência de novas formas de feminilidade, de novas concepções de sexualização, beleza e sedução, inclusive corporais, que poderiam aproximar-se, como mencionamos acima, daquilo que Foucault definiu como “artes da existência”, isto é, técnicas de constituição estilizada da própria subjetivida-

de desenvolvidas a partir das práticas de liberdade. Para Joel Birman, aliás, essa década marca o retorno triunfal de Carmen, personagem sensual, sedutora, quente, erotizada, com seu vestido decotado e vermelho, radicalmente oposta à mulher assexuada e santificada do imaginário ocidental tradicional, seja da mãe abnegada, seja da feminista ressentida e masculinizada, ou a “oradora”, a que se refere Joan Scott⁸. Como diz esse autor:“(...) Carmen se apresenta agora também semcerimônia e resplandecente na sua sublime beleza, não apenas para assumir inteiramente como também para viver radicalmente as possibilidades entreabertas por suas paixões. O *excesso* é a marca fundamental da personagem, sem dúvida”⁹.

É possível observar, pois, uma certa erotização também no feminismo. Nesse sentido, a mãe pós-moderna integrou a figura da “mulher independente”, pois além de emancipada e, muitas vezes, chefe de família, ela quer gozar sexualmente. Ademais, num outro polo, constatava-se que até as prostitutas se tornaram feministas, recusando sua antiga identidade construída a partir de parâmetros estabelecidos pela medicina vitoriana e pela antropologia criminal, para se pensarem como “trabalhadoras do sexo”, sem a presença dos antigos gigolôs e cafetões. Se o feminismo não soube trabalhar a questão da prostituição, procurando muito mais contorná-la do que enfrentá-la diretamente, se o abismo que separou militantes feministas e prostitutas poucas vezes foi transposto, não há dúvida de que as “mulheres públicas”, como antigamente se chamavam, souberam muito bem incorporar várias das proposições e práticas experimentadas e defendidas por aquelas.

Certamente esses não foram os únicos saldos, em termos da produção da subjetividade, trazidos pelo feminismo. Aqui, abordo o lado conservador desse processo,

uma vez que esse movimento também produziu aquelas que copiaram e traduziram o modelo retrógrado do “coronel urbano”, dando vida à figura da “mulher cordial”, que até há pouco tempo não constava do repertório brasileiro das subjetividades femininas. O “homem cordial” era uma figura essencialmente masculina.

A “mulher cordial”

Antes de avançar a discussão e para evitar confusões, gostaria de fazer alguns esclarecimentos. Entendo a cordialidade definida por Sérgio Buarque de Holanda, em sua pioneiríssima obra *Raízes do Brasil*¹⁰, de 1936, como a expressão de uma maneira de ser que nada tem a ver com a bondade e a tradicional passividade atribuídas ao povo brasileiro, como explica seu autor: “Seria engano supor que essas virtudes (a lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade) possam significar “boas maneiras”, civildade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante”¹¹.

Trata-se, antes, de uma subjetividade privatista, que se manifesta através de comportamentos e práticas de apropriação privatizadora do mundo público, práticas de apossar-se do espaço, fazendo do público o “quintal da própria casa”, como observaram vários autores. Para Holanda, o pater poder incontestado e ilimitado, o predomínio da família e da casa-grande sobre o Estado e a vida pública, a ditadura do campo sobre as cidades, a extensão do poder da esfera privada impediram a formação do conceito de cidadania, no país. Foram sempre muito grandes os obstáculos para se mudar “a mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal, tão oposto às exigências de homens livres e de inclinação cada vez mais igualitária”¹².

Portanto, a subjetividade cordial opõe-se radicalmente àquela desejada e prometida pelo feminismo, que se constituiria a partir de uma intensificação dos cuidados de si, muito próxima à perspectiva desenvolvida por Foucault, e que se caracterizaria por uma abertura em relação ao outro e pela capacidade de estabelecer novos vínculos de sociabilidade, baseados no reconhecimento da diferença, na amizade e na solidariedade¹³. Para esse filósofo, esse trabalho de reinvenção de si implica uma dimensão intersubjetiva, pois o indivíduo se constitui na relação com o outro, e não isoladamente, e fundamentalmente comporta uma atitude ética, pois se trata do exercício da liberdade.

Nessa direção, a feminista abrigaria uma subjetividade libertária, capaz de demarcar os limites entre os seus interesses pessoais e os do público, ao contrário da personalidade narcísica e egocêntrica, isto é, daquela que confunde e sobrepõe o privado no público, como alerta Richard Sennett, ao discutir a falência do “homem público” e a descrença no político, no mundo contemporâneo¹⁴.

Na linha de raciocínio que estou desenvolvendo, portanto, a feminista teria uma função social especial no sentido de ajudar a refazer as sociabilidades públicas, cada vez mais desgastadas e destruídas pela privatização do cotidiano, isto é, pela desvalorização da política e pela sobreposição, no mundo público, do modelo da amizade constituído pela referência familiar, isto é, na esfera da vida privada. Esse modelo, como bem conhecemos, seleciona alguns pares para serem considerados “amigos”, a partir da referência dessexualizada da fraternidade, excluindo todo o resto como inimigos em potencial. Portanto, não pode servir de base para a constituição de novas redes de relações de amizade, como adverte o filósofo Francisco Ortega:

“A amizade é um fenômeno público, precisa do mundo e da visibilidade dos negócios humanos para florescer. Nosso apego exacerbado à interioridade, a ‘tirania da intimidade’, não permite o cultivo de uma distância necessária para a amizade, já que o espaço da amizade é o espaço entre os indivíduos, do mundo compartilhado — espaço da liberdade e do risco —, das ruas, das praças, passeios, dos teatros, dos cafês (...)”¹⁵.

É a partir dessas referências que me refiro, aqui, às mulheres que adotaram o modelo masculino do “homem cordial” e tornaram-se “coronelas” — palavra que ainda não consta de nossos dicionários, pois o fenômeno é recente —, em suas instituições, casas, escolas, escritórios, universidades, ongs, de uma maneira profundamente nociva às concepções formuladas pelo movimento feminista. Afinal, a “mulher cordial” é sedentária e reafirma o lar, ao invés de abandoná-lo. E como diz Rose Braidotti, na esteira de Deleuze, é preciso “abandonar o lar”, lugar privilegiado da constituição de identidades normatizadas, “porque o lar é freqüentemente local do sexismo e racismo — um local que nós precisamos retrabalhar política, construtiva e coletivamente. Ao que eu acrescentaria, com Deleuze e outros, identidades fixas devem ser abandonadas, como o local sedentário, que produz paixões reativas tais como ganância, paranóia, ciúme edipiano e outras formas de constipação simbólica”¹⁶.

Essa questão é fundamental, a meu ver, pois o feminismo firmou um compromisso social, principalmente num país em que nasce pelo impulso e pela iniciativa de mulheres ativistas de esquerda, de presas políticas e de exiladas envolvidas com as lutas pela redemocratização e pela mudança social, ou seja, cercado por figuras que lutaram pela definição de uma identidade pública e ética da mulher prioritária à privada.

Assim, se no Brasil, o feminismo nasce e se caracteriza como um movimento de esquerda, independente do grupo político e partidário que apoie ou pelo qual seja apoiado, é de se perguntar como pode ter produzido e reproduzido figuras tão conservadoras e autoritárias, inspiradas na cordialidade da “casa-grande”, se já nos anos trinta, um historiador liberal como Sérgio Buarque acreditava que o “homem cordial” estava em vias de extinção, com a modernização dos costumes e a democratização cultural? Minha pergunta, nesse sentido, pode ser formulada nos seguintes termos: como foi e tem sido possível a existência dessa forma de subjetividade narcisista entre as feministas, se estas mesmas estiveram criticando incisivamente as relações de poder e as formas de sujeição de e entre homens e mulheres? Como o feminismo pôde acolher um modelo masculino de relação, baseado na exploração e opressão entre mulheres e fortalecer aquelas que se beneficiam de determinadas situações e status para afirmarem hierarquias entre as próprias mulheres? Hierarquia e feminismo deveriam ser termos antitéticos, como nos ensinou o feminismo libertário do passado, através das experiências de figuras como Emma Goldmann, Luce Fabbri, Maria Lacerda de Moura, as “Mujeres Libres” espanholas e tantas outras. Em se tratando da construção de novas formas de vida em sociedade, mais humanizadas e solidárias, já sabemos que não é suficiente um mundo feminista, se não for libertário.

É claro que até recentemente a questão da produção de subjetividade não havia adquirido a visibilidade e importância que assume nos debates contemporâneos, no Brasil e no mundo. Contudo, isso não significa que não se criticassem as figuras autoritárias de nosso universo social e político, especialmente marcado pelo clientelismo, ou que não se buscassem novos modos de

experiência. Negando as práticas e visões masculinas autoritárias, aquelas que abraçaram a causa da emancipação feminina lançaram críticas contundentes às formas hierárquicas e excludentes de organização social e cultural, insistindo e visando promover uma ampla transformação nas relações sociais e de gênero.

Mas, desde que se tem falado nas “relações de gênero”, deslocando-se deste modo da “filosofia do sujeito” para a “pensamento da diferença”, fortemente marcado pelas teorias pós-coloniais, por filósofos pós-estruturalistas como Foucault, Deleuze e Derrida e por talentosas intelectuais feministas como Luce Irigaray e Julia Kristeva, como aceitar essas formas de sujeição que são impostas a outras e a si mesmas e que manifestam movimentos repetidos de uma reterritorialização profundamente indesejável? Afinal, em nossos tempos, já não é necessário masculinizar-se — e aliás a própria masculinidade deixa de definir-se pelo tão criticado “coronelato” — para adentrar na esfera pública, e nem as que se definem como lésbicas necessariamente valorizam exclusivamente o masculino. Vale notar como o próprio movimento gay se masculinizou, enquanto o feminismo se feminizou. Ou nos hibridizamos...

Pergunto-me como se coloca para o feminismo brasileiro, entre teóricas e militantes, a questão da figuração de novas subjetividades, questão que certamente não afeta apenas o Primeiro Mundo, se não se visam apenas transformações das condições de exterioridade. Como pergunta a historiadora Tânia Swain, preocupada em desconstruir a suposta identidade-essência feminina: “Quem somos ‘nós’”, assim, encerrados em corpos sexuados, construídos enquanto natureza, passageiros de identidades fictícias, construídas em condutas mais ou menos ordenadas? Quem sou eu, marcada pelo feminino, representada enquanto mulher, cujas práti-

cas não cessam de apontar para as falhas, os abismos identitários contidos na própria dinâmica do ser?”¹⁷

Rose Braidotti, por sua vez, aproximando-se de Deleuze, em sua defesa das subjetividades nômades, propõe: “...figurações de subjetividade móveis, complexas e mutantes estão aqui para ficar. Falando como uma mulher feminista branca, anti-racista, pós-estruturalista, européia, eu apoio figurações de subjetividade nômade, para agir como uma desconstrução permanente do falologocentrismo eurocêntrico. Consciência nômade é o inimigo dentro desta lógica.”

É nessa lógica, a meu ver, que as discussões sobre as relações de gênero têm sentido, como um modo de escapar da filosofia do sujeito e das armadilhas da afirmação das identidades, para entrar num novo campo epistemológico e político, capaz de se abrir para a formulação de novas perguntas e respostas, ou antes, para novos modos de existência. É, ainda, nesse sentido, que o diálogo com Foucault e Deleuze, entre outros filósofos contemporâneos, tem sido fundamental para o feminismo, pela profunda crítica que lançam ao pensamento cêntrico e à ciência ocidental, fundados na lógica da identidade, assim como pelas saídas que apontam.

Perguntando “o que o feminismo tem a oferecer ao futuro do pensamento? O feminismo teria um futuro no pensamento?”, Elisabeth Grosz afirma a necessidade de reconceitualização do que o feminismo entende por subjetividade, já que discorda que se trata de libertar as mulheres, pois reconhecer identidades seria defender uma política servil:

“O feminismo (...) é a luta para tornar mais móveis, fluidos e transformáveis, os meios pelos quais o sujeito feminino é produzido e representado. É a luta para se produzir um futuro, no qual as forças se alinham de

maneiras fundamentalmente diferentes do passado e do presente. Essa luta não é uma luta de sujeitos para serem reconhecidos e valorizados, para serem ou serem vistos, para serem o que eles são, mas uma luta para mobilizar e transformar a posição das mulheres, o alinhamento das forças que constituem aquela 'identidade' e 'posição', aquela estratificação que se estabiliza como um lugar e uma identidade.”

Muito próximo a Foucault e Deleuze, trata-se então de recusar o que somos, as subjetivações femininas ou masculinas que nos são impostas pelo Estado e, portanto, a identidade-mulher-santificada, tanto quanto a subjetividade cordial, retrógrada e autoritária.

O feminismo tem uma dimensão política profundamente crítica e libertadora, que não pode ser negligenciada, afinal foram e têm sido imensas as suas contribuições, especialmente ao questionar as formas e as práticas masculinas de um mundo que, misógeno, é opressivo para as mulheres e ao mostrar como a ciência fundamentou essas concepções, com seus conceitos sedentários, mascarando sua realidade de gênero.

Portanto, o feminismo trouxe esperança, juntamente com novas imagens do pensamento, ao revelar que o mundo também poderia ser outro, isto é, feminino e filógeno, e que as mulheres não são apenas sistemas reprodutivos passivos, nem natureza transbordante e incontrollável ameaçando destruir a cultura, com seu desejo ninfomaniaco e selvagem, como sugerem várias peças e filmes, a exemplo de *Salomé* e *O Anjo Azul*.

O feminismo deixou claro, ainda, que as feministas são capazes de inventar novos mundos, organizar de modo não-elitista, dar respostas diferentes das já conhecidas e que não satisfazem apenas a alguns setores sociais e sexuais. Mostrou que as mulheres podem criar

novas ciências — novas formas de produção de conhecimento, as epistemologias feministas, transversais, pois as mulheres estão em todas as classes e grupos sociais, orientadas por agendas feministas, como observa Sandra Harding.

Finalmente, o feminismo não visou apenas o benefício das mulheres, pois atingiu e desestabilizou também a solidez da identidade masculina do guerreiro, em oposição ao modelo aristocrático de masculinidade da “sociedade de corte”, e reforçada pelo sucesso de Tarzan, desde os inícios do século XX¹⁸. Expondo a unilateralidade e limitação dessa identidade masculina, que exclui tudo o que é considerado culturalmente feminino, como as emoções, os sentimentos, a fragilidade e a possibilidade de experiências e vivências mais reais, porque mais integradas psiquicamente, forçou a busca de novas formas de redescritção de si também para os homens. Como afirma aquela autora: “Portanto, nessa linha de raciocínio, as mulheres não são as agentes exclusivas do conhecimento feminista. O pensamento feminista deve fundamentar suas análises críticas da natureza e das relações sociais no âmbito das vidas das mulheres. Entretanto, os homens também precisam aprender como fazer o mesmo a partir das suas condições históricas e sociais particulares, agindo como homens traidores da supremacia masculina e das relações de gênero convencionais”¹⁹.

O feminismo, tanto enquanto teoria, como enquanto prática, teve e tem uma função social eminentemente política, por seu potencial profundamente subversivo, desestabilizador, crítico, intempestivo, assim como pela vontade que manifesta de tornar o mundo mais humano, livre e solidário, seguramente não apenas para as mulheres. Por tudo isso, não pode recuar diante do enorme desafio que é uma avaliação contínua das próprias

subjetividades e dos estilos éticos e estéticos de existência que promove, impedindo a ação das forças reterritorializantes paralizadoras, pois modos feministas de existir só devem se tornar incômodos enquanto movimentos intensos de afirmação da vida.

Notas

¹ R. Braidotti. “Diferença, diversidade e subjetividade nômade”, Revista on-line *Labrys, estudos feministas*, n.1-2, julho-dez. 2002; Tânia Navarro Swain, “As teorias da carne: corpos sexuais e identidades nômade”, Revista on-line *Labrys, estudos feministas*, ns. 1-2, jul.-dez.2002.

² M. Foucault. “Qu’est-ce que les Lumières?” in *Dits et écrits*. Paris, Gallimard, 1994.

³ E. Hobsbawm. *A era dos extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 304.

⁴ Veja-se a respeito M. Rago. “Feminizar é preciso. Por uma cultura filógena” in Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo, Sead, 2002.

⁵ J. Scott. “Fantasy echo: história e a construção da identidade” in Revista on-line *Labrys, estudos feministas*, números 1-2, jul.-dez. 2002.

⁶ Reporto-me obviamente ao conceito de M. Foucault desenvolvido na *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. vol II, Rio de Janeiro, Graal, 1984.

⁷ No sentido utilizado por M. de Certeau em *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994.

⁸ J. Birman. “Se eu te amo, cuide-se” in *Cartografias do feminino*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.

⁹ Idem, p.67.

¹⁰ S. B. de Holanda. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1982.

¹¹ Idem, p. 107. O autor prossegue, em nota de rodapé: “Cumprir ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial quanto a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado”.

A “mulher cordial”: feminismo e subjetividade

- ¹² Idem, 104. Veja-se M. Rago. “Sexualidade e identidade na historiografia brasileira” in Maria Andrea Loyola (org.) *A sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 1998, pp. 175-200.
- ¹³ M. Foucault. *História da sexualidade: o cuidado de si*. vol. III, Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- ¹⁴ R. Sennett. *O declínio do homem público*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- ¹⁵ F. Ortega. *Genealogias da Amizade*, São Paulo, Iluminuras, 2000, p. 161.
- ¹⁶ Braidotti. Op. cit.
- ¹⁷ Swain. Op. cit.
- ¹⁸ E. Badinter. XY, *La identidad masculina*. Barcelona, Editorial Norma, 1993.
- ¹⁹ S. Harding. *Whose Science? Whose knowledge?* Ithaca, New York, Cornell University Press, 1991, p. 311.

RESUMO

A atualidade do feminismo apresenta-se como pós-feminismo revelando novas relações que são possíveis no interior deste movimento. A emergência, no Brasil, de novas formas do feminino, próximas do que Foucault chama de artes da existência, e que interrogam a universalização da mulher como reação ou repetição do homem.

Palavras-chave: feminismo, subjetividade, Foucault.

ABSTRACT

The contemporariness of feminism presents itself as a post-feminism, which reveals new relations that can be developed inside this social movement. The emergence, in Brazil, of new forms of feminism related to Foucault's arts of being. This perspective queries the universalisation of woman as a reaction or repetition of man.

Key words: feminism, subjectivity, Foucault.